

Os Voluntários Portugueses na Divisão Azul (1941-1943)

– Andreia dos Santos Diogo

Resumo

Embora a estratégia política do governo português assentasse na neutralidade perante o novo conflito mundial, alguns compatriotas não se fizeram reger por essa norma, tomando diferentes iniciativas. A Legião Portuguesa apoiava publicamente o ataque ao comunismo e, por conseguinte, o combate à União Soviética por parte da Alemanha. Foi neste contexto que vários portugueses se alistaram na Divisão Azul, uma unidade de voluntários criada no país vizinho com o objetivo de apoiar as forças alemãs na frente de combate. O desejo de criar semelhante unidade em Portugal partia não só do governo alemão, mas também da Legião Portuguesa, no entanto, a sua criação nunca se chegou a verificar. À sua espera na frente leste, estes portugueses encontraram temperaturas abaixo dos 50 °C negativos, uma alimentação muito pobre, pouco descanso, onde nem existiam sítios apropriados para tal, e inúmeras baixas.

Palavras-chave: Divisão Azul; voluntários portugueses; Wehrmacht; II Guerra Mundial.

Abstract

Although the political strategy from the portuguese government settled on neutrality before the new world conflict, some compatriots didn't follow this standard, taking different initiatives. The Portuguese Legion supported the attack on communism publicly, and therefore, the fight against the Soviet Union by Germany. It was in this context that several Portuguese joined the Blue Division, a unit of volunteers established in Spain, to support the German forces in the combat. The desire to create similar unit in Portugal stemmed not only from the German government but also from the Portuguese Legion, however, a Portuguese Division was never created. Awaiting them at the eastern front, these Portuguese found temperatures below 50 °C negative, very poor alimentation, little rest, where suitable places for that didn't existed, and numerous casualties.

Keywords: Blue Division; Portuguese volunteers; Wehrmacht; World War II.

Introdução

A situação criada pela primeira guerra mundial era instável, não se esperando que a paz durasse por muito tempo. Todos os partidos na Alemanha caracterizavam o

Tratado de Versalhes como injusto e inaceitável. O Japão achava merecer mais do Extremo Oriente do que aquilo que as potências imperiais brancas lhe ofereciam e a Itália também se sentia insatisfeita. Entre 1919 e 1930, a configuração diplomática da Europa opunha, assim, dois campos: o dos países vencedores e o dos vencidos. À aplicação literal das cláusulas do(s) tratado(s), representada principalmente pela França, opunha-se o campo dos que tinham interesse na revisão do(s) mesmo(s): a Alemanha principalmente.

Por proposta de Mussolini, deu-se a 29/30 setembro de 1938 a Conferência de Munique, pois os checoslovacos não aceitavam as pretensões alemãs quanto ao desmembramento do seu país. Reuniu-se, assim, a Inglaterra, a França, a Itália e a Alemanha. Esta conferência, que excluía os maiores interessados, a Checoslováquia e a União Soviética, acabaria por se revelar um fracasso para as democracias ocidentais face à política expansionista alemã, uma vez que cederam às pretensões do chanceler alemão, Adolf Hitler. Procedeu-se então à divisão da Checoslováquia, pelo que a região da Boémia e da Morávia ficariam sob a posse da Alemanha. Não satisfeito com esta partilha, Hitler ordena a invasão do restante território da Checoslováquia, em março de 1939.

As democracias ocidentais rapidamente perceberam que esta questão só se resolveria com intervenção militar, procurando para tal o apoio da União Soviética, pedindo a esta que deslocasse tropas para as fronteiras polacas. No entanto, os diplomatas russos também negociavam, secretamente, com Hitler, tendo-se realizado nesta altura um pacto de não agressão, o Pacto Germano-Soviético. Quando a Alemanha invadiu a Polónia, as potências ocidentais reagiram, declarando aquela que seria a segunda guerra mundial.

Os vinte anos que separam a assinatura do Tratado de Versalhes do desencadeamento desta segunda guerra podem, então, dividir-se em duas fases: o pós-guerra, verificado até 1930, e o pré-guerra, a partir de 1932-1933, anos onde começam a ser visíveis os sinais precursores do próximo conflito. À semelhança do primeiro, este novo conflito não resultou apenas de uma causa: a herança dos anos compreendidos entre 1919 e 1930 aliada à crise económica e aos regimes autoritários exerceram a sua quota nas origens de tal desordem.

Quase todos os Estados independentes se envolveram e aqueles que se viram arrastados, não pretendendo o conflito, fizeram de tudo para o evitar. No seio desses países, encontrava-se um que não era ocupado pela Alemanha e não sofria diretamente

as ameaças da Rússia e que, principalmente, não se sentia muito preocupado nem ansioso em participar neste novo conflito – Espanha. Durante a primavera de 1936, a segunda República Espanhola tinha sido desintegrada, num aumento de caos e violência. Consciente da sua dívida com a Alemanha, Franco e Ramón Serrano Suñer, Ministro dos Assuntos Exteriores, planearam que uma divisão de voluntários deveria participar nesta nova luta. A possibilidade de atacar o comunismo na sua própria casa entusiasmou muitos jovens e ex-combatentes nacionalistas.

Desta forma, o presente trabalho de investigação focará a sua atenção nos portugueses alistados nessa divisão de voluntários - Divisão Azul. Para além de motivações pessoais, a escolha desta temática como objeto de estudo deve-se ao fato de ser uma matéria ainda pouco conhecida e estudada. Se é certo que existe um bom leque de bibliografia estrangeira¹ que aborde questões da Divisão Azul, a mesma não se mostra tão específica no que concerne à presença portuguesa; por outro lado, a nível de estudos portugueses, estes são ainda mais raros, evidenciando-se, contudo, o recente contributo da investigação de Ricardo Silva.² Como balizas cronológicas, o tema será analisado entre os anos de 1941 e 1943, uma vez ser o período de ação da unidade de voluntários. Para além de importante bibliografia, ao longo do processo de investigação, será usada como fonte primária o diário *Jornal de Notícias*, comumente designado por *JN*, e cuja observação empírica é fundamental.

Por conseguinte, através desta investigação pretende-se compreender os motivos da criação da Divisão Azul; entender o processo de alistamento; identificar nesse processo os voluntários portugueses; enumerar a naturalidade desses mesmos voluntários; esclarecer a posição da Legião Portuguesa perante o conflito e o alistamento de compatriotas; estabelecer uma cronologia da ação militar portuguesa dentro da Divisão; e analisar as baixas sofridas, com destaque para as portuguesas.

Assim, a organização deste trabalho será feita através de momentos-chave da existência da unidade de voluntários: o primeiro, compreendendo a sua criação e alistamento; o segundo, marcado pela marcha até à frente, onde se verifica a instrução nos campos militares; o terceiro, com a participação em diversas ações na frente de combate e a descrição das realidades aí vividas; e o quarto, no qual se verifica o

¹ Como são exemplo os trabalhos de Ricardo Silva e a edição nº 21 de setembro de 2013 da revista *Visão História*; *Rusia No Es Cuestión de Un Día...* de Juan Blanco; o artigo de Francisco Gragera e Daniel Infantes, *Los Voluntarios Portugueses en La Division Azul*; e a obra *Blue Division Soldier 1941-1945: Spanish Volunteer on the Eastern Front* de Carlos Caballero Jurado.

² Ricardo Silva é mestre em História Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa com a dissertação *Portugueses na Wehrmacht. Os Voluntários da Divisão Azul (1941-1944)*.

regresso a Espanha, marcado também pelas vicissitudes dos prisioneiros que permaneceram em cativeiros soviéticos.

1. Cronologia

1941

- 22 junho: Invasão da União Soviética, “Operação Barbarossa”.
- 23 junho: Manifestações no centro de Madrid contra a União Soviética.
- 27 junho: Início do alistamento.
- 1/2 julho: Fim do alistamento.
- 12 julho: Saída de Espanha do primeiro contingente de voluntários.
- 20 julho: Chegada ao acampamento de Grafenwörh.
- 20 agosto: Saída do acampamento de Grafenwörh e ida para a frente de combate.
- 9 outubro: Início dos confrontos em Possad.

1942

- 13 janeiro: Início dos confrontos da batalha da Bolsa do Volkhov.
- 11 agosto: A Divisão Azul muda de setor: de Volkhov para Leninegrado.
- 12 dezembro: O general Esteban-Infantes é o novo comandante da Divisão Azul.

1943

- 12 janeiro: Início da batalha do Lago Ladoga.
- 10 fevereiro: Início da batalha de Kranyj-Bor.
- 24 setembro: Franco decide retirar a Divisão Azul da frente de combate.
- 7 outubro: A Divisão abandona a frente.
- 29 outubro: O primeiro batalhão de repatriados cruza a fronteira de Irún,

2. Estalar da Segunda Guerra Mundial

2.1. Reação Espanhola

Se na Península Ibérica, a notícia da operação Barbarossa foi recebida com grande alegria, em Espanha o sentimento foi de autêntica euforia, realizando-se várias manifestações anticomunistas: “Em tôda a Espanha continuam a realizar-se grandiosas

manifestações de solidariedade para com a Alemanha por este país ter declado guerra á Russia”.³

Não havia país menos agitado e apreensivo de enviar voluntários para o conflito, do que a Espanha, onde a maioria acreditava que o conflito teria começado nesse país há cinco anos atrás: durante a primavera de 1936, a Segunda República Espanhola tinha sido desintegrada, pelo que, em julho, as forças nacionais do general Francisco Franco tomaram armas contra o Marxismo anarquista e ateu, que vinha ameaçando e destruindo as crenças da Espanha católica. A Espanha que saiu vitoriosa em 1939 sentia-se, assim, energicamente germanófila, sentimento que não fez mais do que aumentar com o começo deste novo conflito militar.

A visita de Serrano Suñer a Berlim em setembro de 1940 marca o início de um diálogo com vista à entrada da Espanha no conflito mundial. Seria neste contexto que surgiria a «Divisão Espanhola de Voluntários (DEV)», oficialmente enquadrada na Wehrmacht como «Divisão Voluntária Espanhola 250», ou mais comumente «Divisão Azul».

O chefe do Ministério dos Assuntos Exteriores disse aos representantes da Imprensa espanhola e estrangeira que era com a maior satisfação que o Governo espanhol via muitos milhares de espanhóis acorrerem voluntariamente a oferecer-se para ir combater os russos, que foram os causadores da situação atual e que presentemente a Espanha se encontra e ainda da morte de meio milhão de jovens espanhóis, que generosamente deram o seu sangue precioso para salvar a Espanha do abismo em que ela se encontrava.⁴

2.2. Reação Portuguesa

No dia 22 de junho de 1941, António de Oliveira Salazar recebe a novidade do dia: a tão esperada luta contra o comunismo havia começado. A invasão da União Soviética era a luta que Salazar verdadeiramente desejava, uma vez que via na sua aniquilação o maior dos golpes a desferir contra o comunismo e no seu alastramento pela Europa.

A 1 de julho, Salazar encontra-se com o Barão de Huene, embaixador do III Reich em Portugal. A conversa girou em torno da recente invasão da União Soviética e a reação em Espanha, onde a formação da divisão espanhola de voluntários foi utilizada

³ *Jornal de Notícias*, 28 de junho de 1941, 2.

⁴ *Jornal de Notícias*, 29 de junho de 1941, 2.

como pretexto para expor a Salazar a hipótese de Portugal realizar uma ação semelhante, uma vez que eram muitos os voluntários portugueses que diariamente se apresentavam na Legação alemã, demonstrando vontade de participar na “Cruzada contra o Bolchevismo”.⁵ Embora a resposta tenha sido marcada pela ambiguidade, ao longo do conflito realizaram-se encontros entre Salazar, Franco e Hitler para alinhar estratégias.

2.2.1. O Caso da Legião Portuguesa

Observando atentamente o reboliço que a operação Barbarossa causou no país vizinho e a conseqüente formação da divisão espanhola de voluntários, a Legião Portuguesa afirmava de forma pública o seu apoio à invasão da União Soviética. Por conseguinte, a 10 de julho de 1941 o Presidente da Junta Central redigiria uma ordem de serviço, na qual afirmava essencialmente:

Em sessão da Junta Central da Legião portuguesa, ontem realizada, foi resolvido expedir a seguinte ORDEM DE SERVIÇO

Em ordem de serviço de 28 de março se esclareceu a posição que á L. P. e aos seus membros cumpre tomar perante o conflito europeu:

Manter completa serenidade, refletir nas atitudes individuais, na posição de honesta e perfeita neutralidade, definida pelo Governo e sem restrições nem reservas estar prontos para tudo – com sacrifícios dos interesses e paixões de cada um – pela defesa do interesse da Nação no momento, no campo e pela forma que o chefe ordenar.

Como sempre, tem a Legião cumprido o imperativo do interesse e da honra nacional, dando exemplo de patriotismo, unidade e disciplina.

Chega até nós, porem, ultimamente, o eco de duvidas e interrogações que ao espirito de alguns legionários se põem sobre a aplicação de tal doutrina, em relação á nova fase do conflito que se desenrola sobre o leste da Europa e não faltam os que desejariam participar nela, alistando-se como voluntários da campanha contra a Russia comunista. Facto novo no desenrolar dos acontecimentos, deve aquela considerar-se apenas como um episódio do conflito geral, que revestindo para nós o mesmo interesse, impõe a mesma atitude de espirito e a mesma afirmação de neutralidade?

E' evidente não poder considerar-se neste ponto indefinido o interesse nacional, incerta a posição do país.

⁵ Ricardo Silva, “As Grandes Tentações”, *Visão História*, 21 (2013): 27.

São claros os princípios da nossa doutrina, os preceitos da nossa legislação e as repetidas afirmações do nosso governo quer no país, em conferencias e reuniões internacionais.

É nítido e firme o caminho traçado até agora seguido sem desfalecimento; é então bem significativo o facto da legião- de tão largos objetivos políticos e sociais – ter tido a oportunidade do seu aparecimento e da sua organização quando ao nosso lado se davam ao comunismo o combate em que muitos dos nossos verteram o seu sangue, sacrificaram a vida. O comunismo visa a destruição de todos os princípios morais, sociais e políticos, cuja realização nos votamos; dele somos, por isso, irreconciliáveis inimigos. Renegariamos a nossa fé, desmentiríamos os princípios proclamados, ofenderíamos o interesse da nação se não dessemos pelo menos a nossa afirmação de solidariedade aos que o combatem e hão-de vencer.

Em nada se altera quanto ao mais a nossa posição; como cristãos e europeus, lamentamos que a luta se trava e cujo próximo e justo fim desejamos; como portugueses estamos vigilantes para a defesa emergência, da independência e da honra da nação.

Os legionários são soldados de Portugal e por isso mesmo soldados sempre prontos a combater o comunismo seu inimigo em toda a parte. Sentem-se já hoje seus manejos: tenta perturbar os espíritos, confundir as posições - prepara o ataque; há que estar dispostos para de um momento o outro, o inutilizar.

A grandeza das forças que hoje enfrentam o comunismo russo não carece de colaboração nossa na frente da batalha, mas devemos considerar-nos mobilizados e prontos a travar o combate logo que seja necessário neste extremo ocidental da europa. Em 10 de julho de 1941.

O presidente da junta central.⁶

Apesar de frustrado o seu desejo de formar uma unidade de voluntários no nosso país, a Legião Portuguesa prosseguiria a sua propaganda anti-comunismo.

3. A Divisão Azul

3.1. Criação

Na madrugada do dia 22 de junho de 1941, Serrano Suñer toma conhecimento, a partir da embaixada espanhola em Berlim, de que a Wehrmacht tinha iniciado o ataque contra o exército vermelho. Dirigiu-se então, de seguida, a Francisco Franco, para o informar do acontecimento, ao mesmo tempo que manifestava o seu desejo da Falange contribuir na luta com um contingente voluntário. Presidente da Junta Política da

⁶ *Jornal de Notícias*, 11 de julho de 1941, 1, 3.

Falange, e, simultaneamente, Ministro dos Negócios Estrangeiros, Serrano Suñer tinha como objetivo combater o comunismo e reforçar a influência da Falange. Por seu lado, Franco, consciente da sua dívida com a Alemanha, responde que “enviaria [...] voluntários falangistas em reconhecimento da ajuda recebida da Alemanha durante a guerra civil”.⁷

A unidade a enviar deveria ter caráter militar, pelo que, ao fim de algumas discussões, é acordado que os soldados seriam recrutados pela Falange, assim como um terço dos suboficiais, enquanto o exército contribuía com os oficiais e os especialistas. Uma nova discussão surgiria, desta vez, para eleger o comandante da unidade. Foram propostas as figuras de José Antonio Girón, que não possuía conhecimentos em estratégia nem tática militar, apresentando pouca experiência em combate; e de Juan Yagüe, general falangista, em quem Franco não depositava grande confiança. O consenso chegaria com a nomeação do falangista Agustín Muñoz Grandes, militar distinguido e com 45 anos na altura. A 12 de dezembro de 1942 acabaria por ser substituído pelo general Esteban-Infantes.

Por conseguinte, foram criados quatro regimentos de infantaria, sob o comando dos Coronéis Rodrigo, Esparza, Pimentel e Vierna. Verificou-se a criação de batalhões em Madrid, Saragoça, Sevilha, Ceuta, Valladolid, Corunha, Burgos, Valência e Barcelona. Criou-se ainda um regimento de artilharia, sob o comando do Coronel Badillo, unidades de reconhecimento, de sapadores, de antitanques, de sinais e de serviços médicos. “O corpo expedicionário que partirá para a Rússia, para lutar, ao lado dos alemães, contra o comunismo, chamar-se-á «Divisão Azul»”.⁸

O Governo nomeou esta unidade de voluntários de «Divisão Espanhola de Voluntários (DEV)», mas as JONS⁹ referiam-se a ela como “Divisão Azul”, dado que azul era a cor da camisa do uniforme da Falange, pretendendo-se que essa fosse uma cor simbólica, mostrando que tinham sido os falangistas os promotores da iniciativa.

3.2. Alistamento

No dia 24 de junho chegou a confirmação alemã em aceitar a unidade de voluntários espanhóis para combater na *Wehrmacht*. “Começou a fazer-se, esta manhã, na sede da «Falange», em Madrid, e na Província, o alistamento de voluntários para a

⁷ Xavier Moreno Juliá, “La División Azul en el Contexto de las Relaciones entre la España de Franco y la Alemania Nazi”, *Cuadernos de Historia Contemporánea*, 34 (2012): 72.

⁸ *Jornal de Notícias*, 30 de junho de 1941, 2.

⁹ Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista.

legião espanhola, que vai combater contra os russos”.¹⁰ “Suspenderam-se os alistamentos para o corpo expedicionário contra a URSS em virtude das inscrições excederem amplamente as necessidades”.¹¹

Assim, a partir do dia 27 de junho de 1941, e num período de cinco dias, verificar-se-ia o alistamento para a Divisão Azul, quer a nível da falange, quer do exército. Onze dias após o término do recrutamento, começaria a viagem para a Frente Leste.

Os alistados deveriam receber o mesmo pagamento que os soldados do Terço Estrangeiro, com um aumento de 30% que seria pago em *reichsmark*¹² ao cambio oficial. Já os sargentos, cabos e soldados receberiam uma recompensa especial de 1.000 pesetas, no ato do alistamento. Os voluntários que fossem casados recebiam mais uma peseta por dia, por cada filho com idade inferior a 16 anos ou por cada filha menor de 20 anos. Estes subsídios, por assim dizer, seriam entregues diretamente às famílias dos voluntários e nos seus locais de residência, assim como os ordenados ou salários que os voluntários recebiam do emprego que apresentavam na altura e que seria conservado durante a sua ausência.

3.2.1. Requisitos

Na primeira página do *Jornal de Notícias*, do dia 28 de junho, era apresentada uma notícia onde se estipulavam os requisitos para esse alistamento na Divisão:

Os voluntários, que se alistam para enquanto durar a guerra, devem ter idade compreendida entre 20 a 28 anos e possuir aptidão física, verificada mediante rigoroso exame.¹³

Embora estes requisitos apenas se aplicassem a elementos do sexo masculino, onde era também necessária a condição de se ser militar ou estar afiliado a um partido, verificava-se que “as inscrições femininas são igualmente numerosas, sendo provável que se constituam grupos de enfermeiras voluntárias.”¹⁴

Apesar de existir um limite etário para o alistamento, muitos dos voluntários portugueses não cumpriam esse requisito, verificando-se casos como o de António de Sá Santos, Leonardo Pires Corado e Manuel António Morais com 17 anos e por outro

¹⁰ *Jornal de Notícias*, 28 de junho de 1941, 1.

¹¹ *Jornal de Notícias*, 1 de julho de 1941, 2.

¹² Moeda oficial da Alemanha desde 1924 até 1948.

¹³ *Jornal de Notícias*, 28 de junho de 1941, 1.

¹⁴ *Jornal de Notícias*, 30 de junho de 1941, 2.

lado, Francisco Portela Rosa ou Manuel Ferraz Seixas com 37 e 41 anos, respetivamente, na altura em que se alistaram.¹⁵

3.2.2. Locais

O alistamento para a Divisão Azul verificou-se nas sedes locais da Falange e nos quartéis por toda a Espanha. A maioria dos voluntários alistou-se na Milícia de Badajoz, onde é possível localizar os portugueses António Duarte, natural de Silves, Hermenegildo dos Santos e José Esteves, ambos lisboetas, e Lerenó Soares, natural de Mértola. Contudo, o êxito da recruta verificar-se-ia noutros locais, como Madrid, onde também foi ultrapassado o limite necessário de voluntários. Nesta milícia encontraríamos António Garcia, António Coelho, Félix Mendes, José Rodrigues, Manuel Seixas e Mário Leitão.

Outros voluntários portugueses como António Figueiredo, Fernando Pereira, José Barroso e Justino Monteiro, ter-se-iam alistado na Galiza, enquanto em Salamanca se verificaria o caso de Manuel Azevedo e Francisco Pinto Nogueira.

3.2.3. Motivações

Os voluntários foram, sobretudo, veteranos falangistas, muitos deles ex-combatentes da Guerra Civil e que haviam passado os três anos de conflito na zona republicana. Mas também jovens estudantes pertencentes ao SEU.¹⁶

O autor Xosé Seixas (2005) afirma que a partir de 1975 se verificou um aumento no interesse em ressaltar as motivações que originaram o alistamento na Divisão Azul. Por conseguinte, a participação na campanha russa era vista como uma continuação da Guerra Civil, onde as “feridas” daí provenientes juntamente com a atração face à aventura tiveram muito que ver com as motivações destes jovens voluntários.

Não há dúvidas de que, como no meu caso, alguns que não tinham lutado na guerra civil queriam mostrar a si mesmos e aos companheiros que eram capazes de ir para a frente.¹⁷

Desde homens que se alistaram na Divisão como forma de sustento, perante os tempos de crise voraz.¹⁸

¹⁵ Cláudia Lobo (dir.), “Visão História”, 2-3, 99; Daniel Infantes e Francisco Gragera, “Voluntarios Portugueses en La División Azul”, *Serga*, 57: 48.

¹⁶ Sindicato de Estudantes Universitários.

¹⁷ *ABC La segunda Guerra Mundial* (Prensa Española ed.), XXX, 478.

¹⁸ David Veiga Chousa, “La Hermandad de la División Azul: Un Acercamiento al Asociacionismo Divisionario”, *Revista Universitaria de Historia Militar*, II, 4 (2013): 110.

Opositores do regime franquista que se alistaram de forma a redimirem-se de processos judiciais; comunistas espanhóis que queriam passar para o lado do exército vermelho; legionários alistados pela aventura.¹⁹

Muitos rapazes de pouca idade, estão-se inscrevendo com o espírito de vingarem os assassinatos de seus pais mortos pelos bolchevistas. Dão-se, por vezes verdadeiras cenas de entusiasmo e comovente patriotismo no ato das inscrições.²⁰

A participação na DA era contemplada, assim, como uma vingança, uma aventura e uma inversão.²¹

Assim, verifica-se que as motivações eram variadas, mas que a busca de heroísmo, de ascensão e a ilusão de combater no melhor exército do mundo (*Wehrmacht*) contra o comunismo, que consideravam ser um elemento perturbador no mundo e causador dos males na pátria, eram sentimentos comuns à maioria e que acabariam por toldar em muito as suas ações.

3.3. Os Voluntários Portugueses

Apesar do estatuto de neutralidade de Portugal na Segunda Guerra Mundial, alguns portugueses, que haviam combatido do lado “nacionalista” na guerra civil espanhola, ou simples emigrantes, tomaram a decisão de arriscar as suas vidas lutando pela *Wehrmacht* alemã, integrando para tal as fileiras da Divisão Azul.

Sem uma escolha premeditada, nesta parte do trabalho falar-se-á, mais especificamente, de alguns desses “Viriatos” alistados nas filas da Divisão Espanhola de Voluntários – mais conhecida por Divisão Azul – que [...] superaram as centenas”,²² e, de forma mais geral, tem-se a representação das suas naturalidades num mapa, de forma a percebemos os locais de onde provinham esses portugueses.

João Rodrigues Júnior, nascido em Maфра, em 1916, ofereceu-se no verão de 1941 como voluntário para ir à Rússia, data em que terminava o seu contrato de cinco anos com a Legião Espanhola. Nas filas legionárias encontraria Jaime de Assunção Graça, natural de Lisboa, que se voluntariou em junho de 1942.

Natural de Setúbal, mas residente em Badajoz, António Cortes Moirón era ajudante de mecânico na altura em que ingressou no exército regular (março de 1941). Daí partiu para a frente russa em junho de 1942, onde esteve até janeiro de 1943.

¹⁹ Xosé Manoel Núñez Seixas, “Los Vencedores Vencidos: La Peculiar Memoria de la División Azul, 1945-2005”, *Pasado y Memoria, Revista de Historia Contemporánea*, 4 (2005): 195.

²⁰ *Jornal de Notícias*, 30 de junho de 1941, 2.

²¹ Seixas, “Los Vencedores”, 85.

²² Infantes e Gragera, “Voluntarios”, 46.

Também residente em Badajoz, José Alberto Rodrigues Esteves era natural de Lisboa, casado e trabalhava como motorista, alistou-se em novembro de 1942 e foi declarado desaparecido pelas autoridades militares espanholas. José Alberto permaneceria 11 anos em campos de trabalho soviéticos.

Vicente Domingues Monteiro, natural do Porto, era também um antigo legionário, tendo combatido dois anos na Guerra Civil Espanhola. Subiria de soldado a líder de um pelotão de infantaria. Já Augusto Gonçalves de Oliveira, nascido em Ovar, tinha estado nas fileiras do Tércio, e “Joaquim Marques Rosa de Oliveira, pertenceu à Legião Portuguesa antes de se alistar na Divisão Azul.”²³

Uma vez repatriados a Espanha, alguns voluntários decidiram reingressar nas fileiras da Divisão Azul, alistando-se em novas expedições. É o caso de Fernando da Silva, natural de Lisboa e nascido em 1916, Damião Francisco Fão, natural de Monção e nascido em 1923 e Adriano Soares Teixeira, natural do Porto e nascido em 1917.

4. A Caminho da Frente

No dia 5 de julho a Divisão encontrava-se plenamente constituída, pelo que no dia 13 do mesmo mês começaria a partida para a frente de combate, prolongando-se até ao mês seguinte. Em Madrid, com a estação do Norte a abarrotar, e depois de uma emotiva despedida, o primeiro contingente a partir, composto por cerca de 18.000 homens, iniciava a viagem rumo à frente leste, realizando uma breve paragem em Grafenwöhr, onde os voluntários receberiam instrução militar.

No dia seguinte, o General Muñoz Grandes e a sua equipa voaram para Berlim, enquanto o resto da Divisão seguiria mais lentamente, uma vez que o transporte dos voluntários para a Baviera seria realizado num total de dezanove expedições, atravessando a fronteira internacional de Irún em três comboios por dia.

Cada vez mais perto da frente de combate, e, ao mesmo tempo, mais longe de casa, os voluntários cantavam:

Temos que percorrer
mil quilómetros a pé,
para logo demonstrar
o que pensamos.²⁴

A nostalgia da pátria, à medida que os voluntários caminhavam para a zona de

²³ Infantes e Gragera, “Voluntarios”, 47.

²⁴ Juan Eugenio Blanco, *Rusia No es Cuestión de un Día...* (Madrid: Publicaciones Españolas, 1954), 15.

combate fez surgir o desejo de relatar e divulgar os aspetos relacionados com a vida quotidiana dos voluntários em território russo. Desta forma, surgiu um jornal inteiramente dedicado à Divisão Azul, *Hoja de Campaña*. O seu formato era mínimo e começou a ser publicado de maneira simples, com uma escrita fresca e espontânea. Nele trabalhavam três homens fixos, dotados de otimismo e bom humor. Embora houvesse páginas inteiras dedicadas à propaganda anticomunista existia também espaço para o humor, com ironias sobre o clima e a terra comunista.

4.1. Grafenwöhr

A partir do dia 17 de julho em diante, os batalhões espanhóis foram chegando ao campo de treino em Grafenwöhr, perto de Bayreuth na Baviera.

No dia 25, a Divisão Azul era oficialmente designada de Divisão de Infantaria da Wehrmacht 250. O número de regimentos de infantaria foi reduzido de quatro para três, pelo que o Coronel Rodrigo foi apontado como subcomandante e o Coronel Pimentel, Vierna e Esparza ficaram, respetivamente, a comandar o 262º, 263º e 269º Regimento de Infantaria. Existia ainda o Batalhão de Reserva 250, o Grupo de Reconhecimento, o Grupo de Sapadores e outras equipas de suporte, como sinais, transporte, serviços médicos, polícia e companhia veterinária. No total constituíam 641 oficiais, 2.272 sargentos e 15.780 soldados.

O treino em si começou dia 28 de julho, pelo que a rotina dos divisionários começava às seis da manhã: levantavam-se e iam diretos para o banho; de seguida tomavam pequeno-almoço, tinham instrução, descansavam e comiam novamente; seguia-se um novo descanso, mais instrução, jantar e passeio; ao anoitecer reuniam-se, e depois de ser feita a chamada começava o convívio, onde reinavam as cantorias.

Com receio de que a guerra terminasse antes de a Divisão estar preparada militarmente, uma vez que a Wehrmacht vinha conquistando grandes vitórias nesse verão de 1941, o general Muñoz Grandes persuadiu os alemães a autorizarem um programa de treino reduzido, menos de um mês na verdade, argumentando que todos os homens da Divisão eram veteranos da Guerra Civil e por isso possuíam experiência militar. Os Alemães aceitaram a proposta de Muñoz porque acreditavam que a Divisão Azul não faria mais do que uma presença simbólica na campanha, facto que justifica o tipo de material militar entregue aos voluntários; eram esperados tanques e veículos blindados e equiparam-nos com carros e cavalos.

Foi também no acampamento de Grafenwöhr que os voluntários, no dia 31 de

julho, juraram fidelidade a Hitler. Um juramento semelhante ao que todos já tinham feito anteriormente: o de lutar contra o comunismo.

4.2. De Grafenwöhr a Novgorod

Após um curto mês de treino, a 20 de agosto de 1941, os voluntários começaram a marcha até à Rússia, onde seriam necessários 53 dias de viagem (9 dias de comboio, 31 a pé e outros 13 de comboio). Inicialmente, o destino original da Divisão era o Grupo de Exércitos Centro, mas a 18 de setembro dá-se uma alteração no destino, passando a ser o Grupo de Exércitos Norte.

De comboio, os voluntários percorreram uma distância de 1.220 km, de Grafenwöhr até Suwalki na Polónia, onde chegaram no dia 26. De Suwalki, a 29 de agosto, a Divisão iniciou a sua marcha a pé, atravessando a Polónia e a Lituânia até chegar a Vitebsk, numa distância de aproximadamente 1.000 km. A 4 de outubro, várias colunas motorizadas da Divisão Azul partem de Vitebsk em direção a Novgorod. Entre os milhares de espanhóis encontravam-se meia centena de portugueses.

A chegada dos primeiros contingentes à frente de combate, propriamente dita, deu-se a 12 de outubro, onde a Divisão Azul ficaria responsável pela salvaguarda de um território com uma extensão de 50 km, a fim de participar na “Operação Tikvin”.²⁵

5. Batalhas

A luta desenrolou-se no setor norte da frente russa. Inicialmente, entre outubro de 1941 e agosto de 1942, a Divisão esteve destinada ao setor do rio Volkhov e mais tarde, entre agosto de 1942 e outubro de 1943, ao setor sul do cerco de Leninegrado. Estes setores não foram tranquilos como era previsto, tendo em conta que, particularmente a partir de dezembro de 1941, a função dos divisionários limitou-se à proteção de posições.

5.1. Participação dos Voluntários Portugueses

5.1.1. Possad

Os voluntários ficaram destinados, no dia 8 de novembro de 1941, às localidades de Possad e Otenski, onde passaram por temperaturas em torno de 30 °C negativos. No dia 12 desse mês, as forças russas lançaram sucessivos ataques contra as posições

²⁵ ABC, 469.

da Divisão, tornando Possad num pequeno labirinto de trincheiras e barracas, no centro de um bosque com 2 km de diâmetro: era um passaporte para a morte.²⁶

Sem equipamento de inverno e perante um inimigo melhor apetrechado, os mortos foram muitos “e as perspectivas de vitória desapareceram”.²⁷ Os mortos em Possad eram estátuas, pois o frio era tanto que os deixava praticamente congelados. Inicialmente era possível enterrar os que sucumbiam, mas ao fim de algum tempo, tal fato deixou de se verificar.

Entre os soldados que iam tombando na neve, devido aos violentos ataques verificados nesta localidade e nas em redor como Nikitkino e Otensk, encontravam-se vários portugueses: Joaquim da Silva, natural do Porto e baleado mortalmente a 13 de novembro; Agostinho da Rocha, vítima dos estilhaços de uma granada de mão; e Manuel Seixas, dado como morto, mas que, na realidade, acabaria por falecer num campo de prisioneiros. Durante esta batalha, só o regimento 269 perdeu 120 homens, 440 foram feridos e 20 dados como desaparecidos.

A intensidade de operações, ataques e bombardeamentos, foram desde o primeiro dia tão contínuos que não houve possibilidade humana de construir refúgios. Por conseguinte, e de forma a ocupar menos espaço, os voluntários dormiam sentados, apoiando-se nos camaradas.

Possad sofreu um novo ataque nos dias 5 e 6 de dezembro, tornando-se a situação de tal modo infernal que Muñoz Grandes foi aconselhado a evacuar a localidade: na noite de 7 de dezembro, os sobreviventes da batalha, como o portuense Adriano Soares, eram retirados para Otenski.

5.1.2. Bolsa do Volkhov

No dia 13 de janeiro de 1942, os soviéticos rompem a linha da ala esquerda da Divisão Azul, entre Godorok e Dubvizy. No dia 29, lançam um ataque contra todo o setor onde se encontravam os voluntários.

Assim, de janeiro a junho, os elementos da Divisão tomaram parte no ciclo de combates conhecidos como “Batalha da Bolsa do Volkhov”, com o objetivo de conter, cercar e liquidar as tropas soviéticas que tinham atravessado o rio na direção oeste.

O voluntário Adriano Soares Teixeira, sobrevivente da batalha de Possad, seria agora ferido. A mesma sorte não teria o portuense Júlio Augusto Peres da Silva,

²⁶ Blanco, *Rusia*, 24.

²⁷ Juliá, “La División”, 75.

falecendo no dia 24 de março. Já Vicente Domingues Monteiro, também portuense, seria condecorado com a cruz de ferro de 2ª classe pela bravura apresentada em combate.

A 25 de junho os divisionários tomaram parte no assalto final, mas só no mês de agosto a Divisão abandonaria a região do Volkhov. O general Lindemann felicitou-os pelo importante papel que desempenharam nas operações, embora se tenham verificado 274 baixas, entre feridos e mortos.

5.1.3. Lago Ladoga

A 21 de janeiro de 1943 o Batalhão Román é destacado a combater no sul do Lago Ladoga, onde se iniciara uma enorme ofensiva do exército vermelho, com o objetivo de aliviar o cerco de Leninegrado.

O Batalhão Román (Segundo Batalhão do 269º Regimento) foi uma das mais famosas unidades da Divisão Azul. Ao longo dos dois anos de atividade, passariam pelo batalhão 5 portugueses, dos quais apenas um não participaria na batalha do Lago Ladoga: o soldado Manuel Benjamim Areias Rodrigues que teria sido baleado a 19 de abril de 1942 na batalha da Bolsa do Volkhov. Desses 5 portugueses, apenas dois sobreviveram: o cabo José Tomás da Costa Barroso, natural de Lisboa, e o soldado Domingos Ferreira Rodrigues; uma vez que os restantes dois, o cabo António da Silva Santos e o soldado Agostinho Aveiro acabariam por falecer em Krasnyj-Bor.

A enorme preparação de artilharia inimiga arrasou as posições divisionárias. Da intensidade dos combates desse dia o número de baixas que a Divisão sofreu ultrapassou as 1.000 e em apenas uma semana de intenso combate, o Batalhão vê o seu número de efetivos reduzir de 500 para apenas 30 homens.

5.1.4. Krasnyj-Bor

Desde as 6 e meia da manhã do dia 10 de fevereiro de 1943 que a artilharia soviética não parava de atingir Krasnyj-Bor, naquele que era o primeiro ataque da operação Estrela Polar, com os objetivos de aniquilar o Grupo de Exército Norte e aliviar Leninegrado do cerco.

Preparadas para atacar as posições da Divisão encontravam-se 4 divisões soviéticas, num total de 44.000 homens. Aguardando o ataque soviético, por seu lado, e numa posição muito menos consolidada, encontravam-se poucos mais de 5.600

voluntários da Divisão Azul. A artilharia, morteiros e *katyushas*,²⁸ derrotara a linha onde se encontrava a Divisão, destruindo postos de comando e colocando tudo em chamas. “A potência do estrondo era tal que provocava medo”.²⁹

Enquanto portugueses combatiam e morriam³⁰ em todo o setor oriental, o sargento Vicente Monteiro aguardava o momento para liderar os homens do seu pelotão no contra-ataque destinado a salvar a 3ª Companhia e a restabelecer a linha de defesa. Contudo, cairia o comandante e com ele a maioria dos seus homens.

O cabo Júlio Cesar foi ferido em combate, acabando por ser repatriado para Espanha, onde foi condecorado com o Distintivo de Assalto de Prata e considerado Mutilado Útil. Por seu lado, o soldado Francisco Portela Rosa faleceu ao ser atingido por um sniper, quando trabalhava nas fortificações de Krasnyj-Bor. Albertino Nunes de Oliveira, um dos sapadores que combateu durante o dia 10, foi também condecorado. José Alberto Esteves seria dado como desaparecido nesta batalha.

Neste setor, da totalidade dos cerca de 5.600 voluntários verificaram-se 3.645 casualidades. Em apenas um dia, a Divisão Azul sofreu 2.252 baixas, das quais 1.125 foram óbitos.

Por conseguinte, a batalha de Krasnyj-Bor é considerada como o mais tremendo combate em que a Divisão participou.

5.2. Condições

5.2.1. Alimentação

Os problemas com a alimentação começaram a surgir ainda os voluntários estavam no campo de Grafenwöhr. Os homens acharam a típica dieta alemã detestável, de tal forma que a comida, tabaco e bebida passaria a ser enviada de Espanha, para que os voluntários recebessem alguns produtos que fosse do seu gosto.³¹ Aliás, no Natal recebiam uma “Christmas box”,³² contendo doces e licores especiais, uma vez que as celebrações natalícias na península estavam associadas a estes produtos.

A pouca quantidade de comida foi uma constante no tempo de ação da Divisão, mas em Possad a fome fora bastante dura, principalmente quando se verificavam

²⁸ Lançador de múltiplos misseis, desenvolvido em Voronezh (Rússia).

²⁹ Blanco, *Rusia*, 52.

³⁰ Exemplo de Joaquim dos Santos, desaparecido em combate; Agostinho Aveiro e Narciso Peres Ferreira, que sucumbiram no dia 11 e 12, respetivamente.

³¹ Carlos Caballero Jurado, *Blue Division Soldier 1941-1945: Spanish Volunteer on the Eastern Front* (Nova Iorque: Osprey Publishing, 2009), 45.

³² Jurado, *Blue*, 46.

dificuldades no transporte (os carros enterravam-se na neve e a gasolina congelava), e o abastecimento se tornava impossível. Inicialmente, os voluntários defenderam-se da fome armazenando algumas quantidades de pão, que acabaria por ser a base da sua alimentação, e descobrindo os depósitos de batatas. Os pepinos também foram importantes, pois o método para os conservar era simples.

Quando o abastecimento era possível “os gritos de alegria ouviam-se em toda a frente”³³ e os voluntários recebiam coisas ligeiras: chocolate, caramelos, queijo. Estes alimentos eram guardados como ouro, tal como a famosa “ração de ferro”, constituída por bolachas de farinha concentrada, vitaminas, calorias, etc., e por uma lata de carne concentrada. Guardada como se fosse ouro, pois não se lhe devia tocar, exceto em casos de extremo apuro.

5.2.2. Clima

As condições climatéricas com que os voluntários foram confrontados na Rússia eram piores do que alguma vez imaginaram. “Para os soldados espanhóis, a ideia de passarem semanas sem sequer verem o sol era inconcebível e deprimente”.³⁴ A estação da “*rasputitsa*”³⁵ foi a primeira surpresa, na qual os movimentos nas estradas eram quase impossíveis. Durante as operações no Volkhov, as tropas tiveram de operar num ambiente que era totalmente novo para eles: as espessas e pantanosas florestas do Norte da Rússia. Ao mesmo tempo que eram atormentados por mosquitos. Contudo, o efeito mais divulgado foi o do frio e o da própria congelação de membros. Bastava fixar o olhar durante algum tempo para ser possível a criação de uma fina camada de gelo lacrimal.

Recordo que conseguíamos suportar temperaturas incríveis abaixo de zero [...]. Quando cruzamos o lago Ilmen gelado, [...] cinquenta e seis graus abaixo de zero.³⁶

A percentagem de perdas espanholas resultantes de queimaduras e de outras condições associadas ao tempo frio foi alta.³⁷

A água congelava facilmente, pelo que os voluntários para saciar a sede teriam de recorrer a bocadinhos de gelo, ou, nos primeiros meses de inverno, à neve que ainda se encontrava esponjosa. Combatiam o frio recorrendo às formas mais elementares e

³³ Blanco, *Rusia*, 59.

³⁴ Jurado, *Blue*, 34.

³⁵ Famosas estações de lama na Rússia. Este fenómeno verifica-se devido ao derretimento da neve e à ocorrência frequente de chuvas fortes.

³⁶ ABC, 478.

³⁷ Jurado, *Blue*, 35.

eficazes: acendendo fogueiras, o que, infelizmente, consumia grandes quantidades de lenha, e que em locais mais fechados levava a uma grande presença de fumo.

Para se ter uma noção de como o frio que se sentia era inúmero, basta dizer que, em novembro, o rio Volkhov congelava de tal maneira que os veículos a motor podiam atravessá-lo com segurança.

5.3. Balanço Geral

As estatísticas de mortos e feridos da Divisão ocultam o facto de que a percentagem de baixas foi mais elevada em certas fases, como outubro-novembro de 1941 e na Batalha de Krasny-Bor e dias posteriores.

A «Divisão Azul» espanhola, que combate ao lado dos alemães na frente da Rússia, perdeu 2.000 oficiais e soldados mortos em acção desde o ultimo verão.³⁸

A Divisão converteu-se num símbolo de sacrifício.³⁹

Segundo Xavier Juliá (2009), a Divisão Azul na Rússia contou com cerca de 25.500 casualidades, ou seja, 56 % dos seus efetivos, onde à volta de 5.000 morreram e cerca de 4.300 não voltaram. Entre estes últimos, 464 foram feitos prisioneiros pelo exército vermelho. Já no fascículo nº 30 da coleção *ABC La segunda Guerra Mundial*, afirma-se apenas que as baixas sofridas pela Divisão Azul foram superiores a 4.000 mortos, 8.500 feridos, 1.600 baixas por congelação, 300 mutilados e 326 desaparecidos.

O Batalhão de Reserva Móvel foi a unidade com mais portugueses a participar nas batalhas, todos veteranos e na maioria altamente condecorados: João Rodrigues Júnior no Comando, António Mota e Vicente Monteiro na 1ª Companhia, Domingos Amaro e Lauro Santos na 2ª Companhia e Agostinho da Rocha, João Álvares Pereira, Júlio Peres, Manuel Justo, Rolando da Silva e Mário Alves na 3ª Companhia. Quer Lauro Santos, como Manuel Justo e Vicente Monteiro foram condecorados com a Cruz de Ferro de 2ª classe.

Mas houve outra face da morte; a antítese da heroica; isto é, a dos condenados a ela pela própria Divisão Azul através de Conselho de Guerra. Sabemos que tal circunstância afetou, no mínimo, 14 divisionários.⁴⁰

Em novembro de 1941 houve um fuzilamento por traição e em 1942 contam-se

³⁸ *Jornal de Notícias*, 19 de janeiro de 1943, 2.

³⁹ Xavier Moreno Juliá, "Los Muertos de la División Azul", *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, 42 (2009): 88.

⁴⁰ Juliá, "Los Muertos", 90.

treze: cinco por deserção, um por espionagem, outro por abandono de serviço, três por traição, dois por “adesão à rebelião”,⁴¹ e outro por insultar um superior. O voluntário Armando Costa, natural de Guimarães, é um bom exemplo dessa outra face da morte: condenado a ela e executado a 31 de janeiro de 1942, por tentativa de deserção no contexto da Batalha da Bolsa do Volkhov. Estas penas extremas seriam eliminadas em 1943, pelo que os desertores passariam a ser condenados com 30 anos de isolamento.

6. Repatriação

Ao longo dos dois anos que a Divisão Azul esteve na frente de combate, a partida de novos contingentes, para substituir as baixas que se iam sentindo, e o retorno dos feridos foram constantes.

Partiu hoje de S. Sebastian para a frente russa um novo contingente da Divisão Azul.⁴²
Chegou hoje a esta cidade um comboio transportando 300 feridos, pertencentes à «Divisão Azul», proveniente da frente russa.⁴³
Eleva-se a 40.197 o total de oficiais e soldados da Divisão Azul que foram já repatriados.⁴⁴

No dia 24 de setembro de 1943, devido a pressões norte-americanas, Franco decide retirar a Divisão Azul da frente. Assim, a 5 de outubro, o Coronel General Lindemann informa o General Esteban-Infantes de que a Divisão azul deveria ser transportada para a zona de Volosovo-Nikolajeska. Seria nesta zona que, a 14 de outubro, o comandante da Divisão receberia a ordem de repatriação.

Dois comboios por semana partiram da estação de Volosovo e, depois de uma breve paragem em Höf para troca de uniformes e entrega de armamento, o primeiro grupo de 800 repatriados cruzou a fronteira espanhola a 29 de outubro. Aguardando a sua chegada, encontravam-se poucas pessoas, comparadas com as presentes na despedida há dois anos atrás. Contudo, este processo de repatriamento não seria totalmente concluído, uma vez que alguns voluntários se recusaram a ser repatriados e outros não tiveram hipótese de escolher. “O último capítulo da história da Divisão foi escrito pelos prisioneiros espanhóis nos campos de concentração soviéticos”.⁴⁵

⁴¹ Juliá, “Los Muertos”, 91.

⁴² *Jornal de Notícias*, 22 de setembro de 1942, 2.

⁴³ *Jornal de Notícias*, 11 de outubro de 1942, 2.

⁴⁴ *Jornal de Notícias*, 18 de novembro de 1943, 2.

⁴⁵ ABC, 471.

A União Soviética nunca garantiu a esses cativos os direitos de prisioneiros de guerra e, como resultado, na maioria dos casos foram dados como mortos. Um drama que acabaria, com o retorno, a 2 de abril de 1954, de um total de 248 voluntários, a bordo do navio *Semiramis* ao porto de Barcelona. Nesses voluntários repatriados encontraríamos o lisboeta José Alberto Rodrigues Esteves que, embora tenha permanecido 11 anos em campos de trabalho soviéticos, acabaria por sobreviver.

Apesar da repatriação da Divisão, Franco aprovou a criação da Legião Espanhola de Voluntários, uma espécie de “substituta” da anterior Divisão Azul, onde mais uma vez encontraríamos portugueses: os soldados Francisco Nogueira, Manuel Morais, João Nascimento, Francisco Oliveira e Porfírio Cruz; os cabos Carlos Sardinha, Francisco Loureiro, Manuel Justo, Alexandre Martins e Manuel Beirão; e o sargento Joaquim Santiago.

7. *Jornal de Notícias*

Sendo a fonte primária utilizada neste trabalho o diário *Jornal de Notícias*, achou-se por bem realizar uma coletânea das notícias mais importantes sobre a Divisão Azul e que se apresentam de seguida:

Na Espanha começa o alistamento de voluntários que vão combater contra a Rússia

MADRID, 27 – Começou a fazer-se, esta manhã, na sede da «Falange», em Madrid, e na Província, o alistamento de voluntários para a legião espanhola, que vai combater contra os russos. Os voluntários, que se alistam para enquanto durar a guerra, devem ter idade compreendida entre 20 a 28 anos e possuir aptidão física, verificada mediante rigoroso exame. A Legião será constituída por antigos combatentes, na proporção de 75 por cento, e por homens que estiveram detidos no cárceres marxistas, na proporção de 25 por cento. Aos alistados será conservado o emprêgo que actualmente teem, continuando as famílias a receber, durante a sua ausência, um ordenado igual ao salário dos alistados. – OFI⁴⁶

Continua o alistamento de voluntários espanhóis

MADRID, 28 – E' cada vez maior o numero de espanhóis que voluntariamente se oferecem para ir combater contra a Russia. A maior parte desses voluntarios é constituída por antigos combatentes da guerra civil espanhola e por aqueles que estiveram prisioneiros dos «vermelhos» espanhóis.

⁴⁶ *Jornal de Notícias*, 28 de junho de 1941, 1.

Todos os ex-combatentes espanhóis irão combater os russos com os seus velhos uniformes de campanha.⁴⁷

Continua a inscrição de voluntários espanhóis

ALICANTE, 29 – Mais de 40.000 pessoas foram hoje em desfile até aos consulados da Itália e da Alemanha, numa grande manifestação anti-bolchevista, aclamando com entusiasmo aqueles dois países. A inscrição de voluntários ultrapassa já quatro vezes o que se havia calculado. As inscrições femininas são igualmente numerosas, sendo provável que se constituam grupos de enfermeiras voluntárias. O recrutamento faz-se dentro do maior entusiasmo; muitos rapazes de pouca idade, estão-se inscrevendo com o espírito de vingarem os assassinatos de seus pais mortos pelos bolchevistas. Dão-se, por vezes verdadeiras cenas de entusiasmo e comovente patriotismo no acto das inscrições, que se continuam fazendo mesmo durante a noite. – (R. R.)⁴⁸

O corpo expedicionário espanhol que partirá para combater a Rússia, chamar-se-á «Divisão Azul»

MADRID, 29 – O corpo expedicionário que partirá para a Rússia, para lutar, ao lado dos alemães, contra o comunismo, chamar-se-á «Divisão azul». Nos quadros desta divisão já se alistaram quasi todos os combatentes da primeira linha, a «velha guarda» madrilenha, a centuria dos cadetes falangistas «José Tudela», composta mancebos de 18 a 19 de mancebos de 18 a 19 anos, e a quasi totalidade dos estudantes inscritos no Sindicato espanhol universitário. Para dar ideia do entusiasmo com que a juventude espanhola se apresenta nos centros de recrutamento, basta dizer que as folhas de alistamento, impressas para o caso, se esgotaram. – (OFI)⁴⁹

Concluiu-se o alistamento de voluntários espanhóis

MADRID, 30 – Suspenderam-se os alistamentos para o corpo expedicionário contra a URSS em virtude das inscrições excederem amplamente as necessidades. Os voluntários madrilenos, que até a esta data tinham procedido á sua inscrição devem apresentar-se agora em diversos quartéis para formar as primeiras bandeiras da divisão «azul». – (OFI)⁵⁰

Os voluntários espanhóis

MADRID, 3 – Se bem que se desconheça ainda o numero exacto dos voluntários, que se ofereceram para ir combater na Rússia, sabe-se que ele excede, em muito, os efectivos previstos. Dos inscritos, 20 por cento são estudantes. Ontem á noite, os voluntários começaram a apresentar-se nos quartéis, onde lhes será fornecido

⁴⁷ *Jornal de Notícias*, 29 de junho de 1941, 2.

⁴⁸ *Jornal de Notícias*, 30 de junho de 1941, 2.

⁴⁹ *Jornal de Notícias*, 30 de junho de 1941, 2.

⁵⁰ *Jornal de Notícias*, 1 de julho de 1941, 2.

equipamento, depois do que serão mandados para os pontos de concentração, na provincia. – (OFI)

A «Legião Azul» espanhola

MADRID, 3 – Em toda a Galiza inscreveram-se muitos milhares de voluntários para irem combater contra a Russia. São todos ex-combatentes da guerra civil espanhola e guerreiros experimentados. Nos estaleiros de Cadis inscreveram-se 98 operários. São numerosas as raparigas espanholas que se têm oferecido para ir servir na brigada de ambulancias da Cruz Vermelha espanhola que acompanhará a Legião Azul na campanha contra a Russia comunista. Numerosos médicos e enfermeiras ofereceram já os seus serviços com fim idêntico, os quais foram aceites. – (U.P.)⁵¹

Cruzada anti-soviética em Espanha

MADRID, 4 – Todos os voluntários madrilenos do corpo expedicionário que combaterá contra a URSS são convidados por uma circular da Direcção Provincial da Falange a apresentar-se hoje ás 7 horas na esplanada da Faculdade de Medicina. Ali receberão instruções e serão dirigidos para o centro de concentração onde as unidades se constituem. – (OFI)⁵²

Os voluntários espanhóis que vão tomar parte na campanha contra a Russia partiram, tendo atravessado a fronteira – Acompanham-nos 24 capelães militares

MADRID, 11 – Atravessou a fronteira, em Hendaia, o primeiro contingente de voluntários espanhóis, que vão combater contra a Russia. Os voluntários foram recebidos do outro lado da ponte, pelas autoridades consulares espanholas de Hendaia e pelo adido militar espanhol em França. Um grupo de enfermeiras distribuiu-lhes víveres e cigarros. Em breve partirão outros elementos da «Divisão azul». Acompanham o corpo expedicionário vinte e quatro capelães militares voluntários. – (OFI).⁵³

Os voluntários espanhóis da Divisão Azul que vão para a Russia são passados em revista em Sevilha

SEVILHA, 13 – Na praça principal desta cidade, verdadeiramente engalanada e florida, efectuou-se hoje, perante milhares de pessoas e das mais altas patentes das forças armadas espanholas e autoridades civis a ultima chamada dos voluntários da Divisão Azul. Depois de rezada a missa e durante a qual foi afirmado que aqueles combatentes voluntários faziam parte de uma Cruzada defensora da Fé e da Cristandade, foram-lhes entregue pela chefe da Falange Feminina estandartes bordados e benzidos. Em honra desta divisão, constituída por 4 batalhões de todas as armas e que é considerada como o ultimo contingente para combater o comunismo, organizou-se nesta cidade uma festa

⁵¹ *Jornal de Notícias*, 4 de julho de 1941, 2.

⁵² *Jornal de Notícias*, 5 de julho de 1941, 2.

⁵³ *Jornal de Notícias*, 12 de julho de 1941, 2.

popular que neste momento decorre com o maior entusiasmo e extraordinária animação
– D.N.B.

*

MADRID, 13 – A entrega oficial das bandeiras aos voluntários de Andalucia e de Marrocos, que fazem parte da Divisão Azul, efectuou-se, hoje, em Sevilha, na presença das autoridades locais civis e militares da cidade.

As bandeiras, que foram bordadas por senhoras da acção feminina da falange teem a inscrição: «Connosco quem quizer; contra nós quem puder». – (OFI)⁵⁴

Regresso de voluntários espanhóis

BURGOS, 7. – Chegaram a esta cidade em comboio especial mil e vinte e nove voluntários da «Divisão Azul», que regressaram da Russia. Eram aguardados na estação pelos governadores militares e civis, bispo e outras autoridades, além de numerosas pessoas de todas as classes.

Os expedicionários foram aguardados também por um grupo de feridos daquela Divisão, hospitalizados nesta cidade, um batalhão de infantaria e muito povo, que aclamaram os voluntários e os acompanharam pelas ruas fóra até aos quarteis onde ficaram alojados. Á tarde, houve um «Pôrto de Honra» na Câmara Municipal a que assistiram as entidades oficiais e outras autoridades, tendo sido muito cumprimentado o coronel sagrado, chefe da Expedição. – (U.P.)⁵⁵

Regresso de voluntários

BERLIM, 5 – A rendição regular dos voluntários da Divisão Azul na frente Leste efectuou-se, nos últimos dias, com a partida dum comboio especial com granadeiros espanhóis entre os que regressaram há numerosos soldados que se encontravam como voluntários na frente Leste há 20 meses. Regressaram agora para á sua Pátria depois de haverem cumprido o seu dever e apos dois invernos passados a leste como camaradas lutando ombro a ombro com os soldados alemães no combate contra o bolchevismo. Grande numero destes voluntários possui a Cruz de Ferro, a medalha de Leste e a condecoração do assalto de Infantaria, ou ainda a medalha de feridos. Entre os novos vountarios chegados de Espanha para os render encontram-se muitos que já tomaram parte na campanha de Inverno, que apos breve estadia em Espanha se alistaram de novo como voluntários na Divisão Azul. – (D.N.B.)⁵⁶

⁵⁴ *Jornal de Notícias*, dia 14 de julho de 1941, 2.

⁵⁵ *Jornal de Notícias*, 8 de março de 1943, 2.

⁵⁶ *Jornal de Notícias*, 6 de abril de 1943, 2.

Partida de voluntários espanhóis

S. SEBASTIAN, 3. - Chegaram a esta cidade cêrca de mil voluntários da Divisão Azul que se dirigem para a frente oriental onde vão combater ao lado dos seus camaradas que já ali se encontram. – (DNB)⁵⁷

Partida de voluntários espanhóis

S. SEBASTIAN, 7 – Passou por esta cidade, com destino á frente oriental uma nova expedição de voluntários da Divisão Azul, constituída por 500 homens que vão reforçar os efectivos aquela divisão espanhola que se encontra a combater na Russia. – U.P. ⁵⁸

Repatriamento de feridos espanhóis

MADRID, 16 – Chegou, esta manha, a San Sebastian, um comboio especial com 250 feridos espanhóis regressados da frente oriental.

Os repatriados foram recebidos pelas autoridades civis e militares, tendo sido demoradamente oracionados pela população que se encontrava na proximidade da gare.

– (D.N-B.)⁵⁹

Regresso de feridos espanhóis

S. SEBASTIAN, 19. – Chegou a esta cidade uma expedição de 220 feridos pertencentes á Divisão Azul, que combate na Frente oriental.

Vinte dos feridos ficaram internados no Hospital Molla, de S. Sebastian, tendo sido, os restantes, distribuídos pelos hospitais das cidades de Vitória, Burgos e Valladolid. –

U.P.)⁶⁰

Conclusão

Quando, a 22 de junho de 1941 um total de 19 divisões blindadas, 14 divisões motorizadas e 119 divisões de infantaria da Wehrmacht e das Waffen SS, somando 3.300.000 homens, invadiram a União Soviética, era claro que um conflito com características nitidamente diferenciais estava prestes a começar.

Tendo iniciado este trabalho com uma breve introdução às reações que a operação Barbarossa despertou na Península Ibérica, nomeadamente em Espanha, e partindo dessas, foi possível entender os motivos que levaram o nosso país vizinho a criar a Divisão Azul. Por outro lado, analisando a reação no nosso país tornou-se clara a posição da Legião Portuguesa nesta matéria: inimigos do comunismo, apoiavam fielmente a sua eliminação, mas tendo como base os ensinamentos da pátria e a

⁵⁷ *Jornal de Notícias*, 4 de maio de 1943, 2.

⁵⁸ *Jornal de Notícias*, 8 de maio de 1943, 2.

⁵⁹ *Jornal de Notícias*, 17 de maio de 1943, 2.

⁶⁰ *Jornal de Notícias*, 20 de maio de 1943, 2.

posição do governo português decidiram manter-se neutros, embora fosse da sua mais profunda vontade criar também uma unidade de voluntários.

Seguiu-se o alistamento dos voluntários onde mais de uma centena de portugueses não hesitaram em envolver-se nesta aventura, pelo que, partindo da apresentação de dados pessoais desses voluntários e da observação do mapa de naturalidades, foi possível concluir que a maioria provinha dos distritos de Lisboa e Porto. Pelas notícias presentes na fonte, onde a primeira a mencionar o alistamento data do dia 28 de junho de 1941, e pelos dados que a bibliografia apresenta entendeu-se que o número de indivíduos a alistarem-se como voluntários foi muito superior ao que era esperado.

Quanto ao destino dos nossos compatriotas, bastou analisar o período compreendido entre a ida para a frente de combate e a participação em batalhas importantes, para ser possível estabelecer uma cronologia da sua ação militar. Alguns deles não sobreviveram às condições de vida na frente, e aqueles a quem o destino foi mais favorável acabariam repatriados em 1943 e em 1954, embora, na sua maioria, muitas das mazelas fossem visíveis para o resto da vida.

Ao analisar o estado da arte, verificou-se a falta de consenso em certas matérias, por exemplo quanto ao número de casualidades. Contudo, as opiniões apresentadas permitiriam ter uma clara ideia da violência sentida em combate. Também no estado da arte é referido que o prazo de alistamento terminou no dia 2 de julho, embora o *Jornal de Notícias* refira, no dia 1 de julho, o fim desse prazo. Os nomes e alguns dados pessoais dos voluntários não coincidiram na sua totalidade quando analisados diferentes elementos da bibliografia, no entanto, as diferenças verificadas não colocaram em causa a investigação.

Também na fonte primária utilizada, *Jornal de Notícias*, verificou-se a inexistência de algumas páginas, ou até mesmo a ausência total de determinado número, como são exemplo os dias 2 de janeiro e 1 de fevereiro no ano de 1941 e do dia 1 de julho de 1943, ao qual não foi possível o acesso às páginas iniciais. Ainda relativamente à análise desta fonte hemerográfica, denotou-se que a partir do ano de 1942 o carácter noticioso altera-se, passando-se a ter, em maior número, notícias alusivas ao repatriamento de voluntários feridos e do envio de novos contingentes para a frente de combate. No final do ano, em dezembro, o *Jornal de Notícias* dá conta da alteração do comandante da Divisão Azul, em que Esteban Infantes substituiu o general Muñoz Grande. Já no último ano em análise, 1943, embora continuem as notícias

relativas ao retorno de voluntários, começam a surgir algumas informações mais claras quanto ao número de perdas que a unidade sofreu.

Embora a diplomacia portuguesa agisse de forma neutra perante o conflito, a verdade é que o representante máximo português, António Salazar, manteve contacto com Franco e Hitler, pelo que não foram apenas os voluntários portugueses da Divisão que levaram o nosso país até à Frente Leste. Alguns elementos do exército português, como Mouzinho de Albuquerque, Amândio Rodrigues e António de Spínola participaram em missões especiais de forma a conhecerem a realidade da guerra moderna. Numa dessas missões, o capitão Lopes Pires acabaria por sucumbir aos ferimentos originados por um acidente durante uma demonstração aérea, facto noticiado no dia 24 de setembro de 1942 no *Jornal de Notícias*.

A campanha na Rússia, e o conseqüente envolvimento de voluntários portugueses, é um episódio cuja importância dentro da nossa história militar tende a ser subvalorizada, embora as suas excepcionais características. No entanto, se comparada com outras unidades de voluntários ou com o próprio exército alemão, a Divisão Azul teve uma importância estratégica quase irrelevante dentro do teatro de operações, uma vez que esteve a maioria do tempo dedicada a trabalhos defensivos numa frente estática. Mas é claro que não é esse facto que tira mérito ou interesse a esta matéria, pois a Divisão Azul não só gozou de um sinal heroico e exótico que lhe conferem um lugar especial nas guerras espanholas do século XX, como também desfruta de uma memória peculiar.

O estudo da Divisão Azul e dos seus participantes é uma temática que pode (e deve) ser analisada de várias perspetivas, como o tópico que remete para o contacto dos voluntários com judeus e, conseqüentemente, com a ideologia nazista. A Divisão Azul não se envolveu nesse tipo de questões, tal como Xosé Manuel (2005) reitera: “Insiste-se que os espanhóis lutaram *junto* à Alemanha nazi, mas não *com* ou *pelo* III Reich, somente contra um inimigo comum, a URSS”.⁶¹

Em jeito de conclusão, a participação dos portugueses foi uma participação ideológica, onde o próprio país não se envolveu, pelo que esses homens se voluntariaram por livre e espontânea vontade. Por conseguinte, a sua representação no *Jornal de Notícias* foi, por assim dizer, encoberta.

⁶¹ Seixas, “Los Vencedores”, 195.

Fontes

Impressas

Jornal de Notícias, 1941-1943.

Bibliografia

ABC La Segunda Guerra Mundial. Prensa Española ed. Volume 30. Acedido em 4 outubro 2014. http://libros-ns.blogspot.pt/2011_06_01_archive.html.

Bernard, Henri. *Os Arquivos da Segunda Guerra Mundial*. Amadora: Bertrand, 1964.

Caballero Jurado, Carlos. *Blue Division Soldier 1941-1945: Spanish Volunteer on the Eastern Front*. Nova Iorque: Osprey Publishing, 2009.

Caballero Jurado, Carlos. "Morir en Rusia: La División Azul en la Batalla de Krasny Bor". *Cuadernos de Revista Española de Historia Militar*, 7 (2004).

Carrilho, Maria e Couto, Júlio. *Portugal na Segunda Guerra Mundial: Contributos para uma reavaliação*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

Eugenio Blanco, Juan. *Rusia No Es Cuestión de Un Día...* Madrid: Publicaciones Españolas, 1954.

Gilbert, Martin. *A Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Dom Quixote, 2009.

Gragera, Francisco e Infantes, Daniel. "Voluntarios Portugueses en La División Azul". *Serga*, 57 (n.p): 46-49. Acedido em 4 outubro 2014. <http://nonas-nonas.blogspot.pt/2009/07/revista-serga-voluntarios-portugueses.html>.

Hobsbawm, Eric. *A Era dos Extremos. O Breve Século XX 1914-1991*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2003.

Lobo, Cláudia (dir.). *Visão História*, n.º 21, setembro 2013.

Martínez Reverte, Jorge. "Por qué Fueron a Rusia". *Cuadernos de Historia Contemporánea*, 34 (2012): 15-29. Acedido em 4 outubro 2014. <http://www.pinfaos.es/DOLADO/Cuaderno%20historia%20contempor%C3%A1nea%20UCM.%20La%20Divisi%C3%B3n%20Azul.pdf>.

Moreno Juliá, Xavier "La División Azul en el Contexto de las Relaciones Entre la España de Franco y la Alemania Nazi". *Cuadernos de Historia Contemporánea*, 34 (2012): 65-90. Acedido em 4 outubro 2014. <http://www.pinfaos.es/DOLADO/Cuaderno%20historia%20contempor%C3%A1nea%20UCM.%20La%20Divisi%C3%B3n%20Azul.pdf>.

Moreno Juliá, Xavier. "Los Muertos de la División Azul". *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, 42 (2009): 85-92.

- Núñez Seixas, Xosé M. “¿Eran los Rusos Culpables? Imagen del Enemigo y Políticas de Ocupación de la División Azul en el Frente del Este, 1941-1944.” *Hispania*, 223 (2006): 695-750. Acedido em 23 novembro 2014.
<http://hispania.revistas.csic.es/index.php/hispania/article/view/19/19>.
- Núñez Seixas, Xosé Manuel. “La “Cruzada Europea Contra el Bolchevismo: Mito y Realidad”. *Cuadernos de Historia Contemporánea*, 34 (2012): 31-63. Acedido em 4 outubro 2014.
<http://www.pinfanos.es/DOLADO/Cuaderno%20historia%20contempor%C3%A1nea%20UCM.%20La%20Divisi%C3%B3n%20Azul.pdf>.
- Núñez Seixas, Xosé Manoel. “Los Vencedores Vencidos: La Peculiar Memoria de la División Azul, 1945-2005”. *Pasado y Memoria, Revista de Historia Contemporánea*, 4 (2005): 83-113. Acedido em 4 outubro 2014.
<http://hdl.handle.net/10045/5546>.
- Rodríguez Jiménez, José Luis. “La Contribución de la División Española de Voluntarios a la Invasión de la URSS”. *Cuadernos de Historia Contemporánea*, 34 (2012): 91-118. Acedido em 4 outubro 2014.
<http://www.pinfanos.es/DOLADO/Cuaderno%20historia%20contempor%C3%A1nea%20UCM.%20La%20Divisi%C3%B3n%20Azul.pdf>.
- Sanchez Diana, Jose Maria. “Historia de un Periódico Militar. La Hoja de Campaña de la División Española de Voluntarios”. *Ejército: Revista de las armas y servicios*, 567 (1987): 55-60. Acedido em 11 dezembro 2014.
http://publicaciones.defensa.gob.es/docs/default-source/revistaspdf/ret_567.pdf?sfvrsn=0&download=true.
- Scurr, John e Hook, Richard. *Germany's Spanish Volunteers 1941-45*. Nova Iorque: Osprey Publishing, 1980.
- Silva, Ricardo. “A História dos Portugueses que Combateram no Exército de Hitler”. *Visão*, n.º 1040, 2013. Pp. 44-51.
- Silva, Ricardo. *Portugueses na Wehrmacht. Os Voluntários da Divisão Azul (1941-1944)*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- Veiga Chousa, David. “La Hermandad de la División Azul: Un Acercamiento al Asociacionismo Divisionario”. *Revista Universitaria de Historia Militar*, volume 2, 4 (2013): 108-129. Acedido em 15 dezembro 2014.
<http://ruhm.es/index.php/RUHM/article/view/50/41>.